



## resenhas

88

MARONI, Amn ris, *A Estratégia da Recusa: Análise das Greves de Maio/78, São Paulo, Brasiliense, 1982.*

*A Estratégia da Recusa, tem como centro básico de aten o e análise, o cotidiano operário no interior do processo fabril. A fábrica, enquanto instância de produ o, que det m processos de organiza o, temporal e espacial, próprios; isto  , uma racionalidade intrínseca traduzida no poder criador da máquina, e neste sentido, na subjug o do homem trabalhador a este poder,   o palco de desenvolvimento principal da luta operária. Palco, este, segundo a autora, negligenciado pela historiografia brasileira contemporânea que, detentora de alguns mitos sobre o como deverá se dar o processo e o comportamento do movimento operário, se silencia (ou não se permite ver) em rela o ao processo real, cotidianamente construido, das lutas operárias recentes.*

*O novo   recusado, ou tido como irrelevante para o entendimento do processo onde se desenvolve o movimento operário, ao se chocar com o padrão (mito) teórico daqueles que se colocam como detentores do saber abstrato no qual deverá se delinear cada a o, ou a a o operária. Isto, por dois motivos principais: o primeiro, diz respeito ao mito da organiza o capitalista do processo de trabalho, como fator necessário ao desenvolvimento econ mico da sociedade, isto  , ao desenvolvimento das forças produtivas. O que significa, que a própria racionalidade capitalista, que subjuga e domina os homens,   tida como necessária, e neste sentido, como neutra, quando o seu desenvolvimento devolverá (quase que linearmente), pela socializa o crescente, subjacente a cada avanço técnico, a capacidade de desaliena o, processando, assim, os meios necessários a supera o da ordem capitalista. O fim da aliena o, enfim, estaria implícito ao desenvolvimento das forças produtivas.*

O segundo motivo diz respeito a uma intencionalidade política, esboçada nos anos 20, para todo o movimento operário, através do II Congresso da Internacional Comunista, onde se privilegiou o partido político, em detrimento da classe operária, como principal condutor das lutas por ela travada. A classe operária passa, deste modo, a ser visualizada como incapaz de por si só fazer a revolução por não poder desenvolver mais do que uma consciência imediatista, tornando-se o partido o verdadeiro protagonista da ação da classe operária, enquanto portador e agenciador de sua consciência política. Esta visão, estendendo-se até os limites da organização e luta puramente econômica. Neste campo, também, os operários, por si só, não iriam além de atitudes individualistas, sendo necessária uma organização intermediária, os sindicatos, aos quais caberiam o papel contratual das reivindicações econômicas da classe.

Amnéris Maroni busca fugir desta ótica tradicional de análise do movimento operário, partindo da análise do processo fabril como o momento essencial do político. A luta operária se manifesta através de uma Estratégia da Recusa, que reinventa uma nova ordem, quebrando o automatismo da produção e recuperando o homem, enquanto ser criador. Neste sentido, o espaço fabril se torna o campo essencial de luta, quando da reapropriação do espaço da racionalidade do capital em um movimento contínuo de recusa, objetivada nas operações tartarugas e outros processos de se impor à máquina.

Por outro lado, a proposta, magnífica, da Maroni, perde-se no processo de análise que ela busca realizar dos movimentos paredistas de maio de 1978. Ao analisar estas greves, ela esquece o seu ponto de vista fundamental, da organização operária na fábrica, enquanto momento de autonomia, e passa a encarar o sindicato (São Bernardo) como a instância necessária para a organização e encaminhamento político-contratual das reivindicações operárias. A fábrica, neste instante, para a autora, deixa de ser o ponto nodal de organização e luta, passando para o sindicato o assumir tal organização. 89

Nas análises que ela tenta realizar em algumas comissões de fábrica no dia-a-dia das greves de 1978, ela esquece o conceito de autonomia, tão caro a sua análise teórica, passando ao sindicato o papel central da organização e mobilização dos trabalhadores; afirmando, mesmo, a fluidez das próprias comissões existentes, no sentido de encaminhar a luta.

O que é uma pena, e que demonstra, ao mesmo tempo, a falta de uma pesquisa mais aprofundada sobre as condições reais do processo das lutas no interior das fábricas, a formação dessas comissões e suas perspectivas enquanto canal de autonomia (possível). A proposta teórica é bonita e deve ser prosseguida, mas falta a vivência da pesquisa no cotidiano das lutas, um aprofundamento, será que podemos dizer, mais empírico... Sem tal aprofundamento só resta uma proposta de pesquisa a ser feita e que merecia ser bem mais refletida.

Mauro Guilherme Pinheiro Koury